

AMADURECER PARA TRABALHAR OU TRABALHAR PARA AMADURECER?

O uso dos dons espirituais como princípio para a maturidade cristã.

Josemar Valdir Modes¹

RESUMO

Maturidade espiritual geralmente é uma exigência para o envolvimento no trabalho eclesial, quando deveria ser um alvo através do serviço prestado. O uso dos dons e o contato com outros cristãos são fatores essenciais para o desenvolvimento espiritual dos recém-convertidos. Envolvê-los no trabalho deveria ser a meta de toda igreja que se denomina cristã.

Palavras-chave: Maturidade, dons, serviço.

ABSTRACT

Spiritual maturity is generally a requirement for involvement in church work, when it should be a target through service provided. The use of gifts and the contact with other Christians are key factors to the spiritual development of the recent converts. Involve them in work ought to be the goal of every church that is Christian denominated.

Keywords: Maturity, gifts, service.

INTRODUÇÃO

Assim como crianças, cristãos não nascem adultos. O próprio termo empregado para o começo da caminhada cristã, denominado regeneração² (SEVERA, 1999, 289-290), indica uma recriação, um renascimento. Nicodemos em seu encontro com Jesus foi desafiado a pensar nesta ação direta que Deus realiza na vida daquele que se entrega a Ele, e o seu questionamento lança luz sobre o termo: “como é que um homem velho pode nascer de novo? Será que ele pode voltar para a barriga de sua mãe e nascer outra vez?”³ (Jo 3.4). Ele claramente visualizou um bebê na fala de Jesus.

Este princípio se observa na prática: falta instrução ao recém-convertido, mau desenvolvimento dos dons e até mesmo a falta de reconhecimento deles, atitudes que ainda lembram seu velho modo de agir antes da transformação ocorrida, entre outros itens que poderiam ser citados e que são marcantes na vida daqueles que acabaram de experimentar a mudança espiritual denominada, salvação. O que sobra em todos eles e acaba suprimindo por um tempo esta necessidade de crescimento é a empolgação. Novos convertidos são entusiastas contagiantes por natureza. Mas, com o tempo, a necessidade de desenvolvimento passa a ser constante. Pena que nem todos conseguem aliar o entusiasmo inicial com o crescimento espiritual.

Esta necessidade torna o assunto *maturidade espiritual* uma referência em todas as igrejas cristãs. Todos entendem que um cristão sadio cresce naturalmente, assim como um bebê sadio também se desenvolve. Nada mais natural do que crescer. Quando isso não ocorre, há algum problema relacionado àquela vida.

David Wilkerson afirmou certa vez que “todo cristão deverá estar crescendo e prosperando espiritualmente, se estiver cheio da verdade do Espírito Santo. Se estiver sendo regado e alimentado pela palavra de Deus, você deve ter crescimento espiritual contínuo em sua vida. Tem de acontecer automaticamente” (WILKERSON, 1999).

Ao mesmo tempo, nem sempre este desenvolvimento parece ser tão automático assim, e tenta-se de todas as formas possíveis auxiliar o convertido neste processo. A prática da leitura da Palavra de Deus, a oração e a participação nos cultos estão entre os principais fatores citados como fomentadores deste desenvolvimento. Mas na prática não é difícil encontrar um cristão que assiste a todos os cultos durante décadas, lê a Bíblia e ora, e que ainda assim permanece sendo um “bebezinho” na fé. Parece que esta

regra não se aplica a todas as situações, ou então deve haver algum outro fator fomentador, que aqui é apresentado como sendo a utilização dos dons espirituais.

Diante da importância e da necessidade para a qual o assunto aponta, discute-se muito se um cristão precisa ser maduro primeiro para se envolver nos ministérios da igreja, evitando-se os erros que comumente ocorrem neste início de caminhada, ou se os ministérios podem ser uma alternativa para o próprio amadurecimento e crescimento espiritual. A segunda resposta será o princípio norteador de toda esta pesquisa, na qual se procurará defender biblicamente que o envolvimento amadurece. Para tanto, este estudo procurará elucidar primeiro o conceito *dom espiritual* para então destacar a importância de seu uso para a maturidade.

1 – COMPREENDENDO OS DONS ESPIRITUAIS

1.1 Definição de *dom espiritual*

Robinson (ROBINSON, 2000, p.49-50), ao definir os dons do Espírito Santo afirma que são “uma demonstração sobrenatural da graça ou habilidades especiais que nosso soberano Deus colocou nas vidas dos crentes para a edificação da igreja, o corpo de Cristo. Sem nenhum mérito de nossa parte”. Além de sua definição, o mesmo autor cita a definição de Wayne Grudem, que diz que “Um dom espiritual é qualquer habilidade que é delegada pelo Espírito Santo e usada em qualquer ministério da igreja”.

Já o autor Bergstén (BERGSTÉN, 1999, p. 121) diz que “os dons espirituais são meios pelos quais o Espírito revela o poder e a sabedoria de Deus através de instrumentos humanos, que os recebem e bem usam”.

Kornfield (KORNFELD, 1998, p. 29) em sua definição destaca que “dom espiritual é uma dádiva (ou graça) dada pelo Espírito Santo para edificação espiritual, resultando no crescimento do Corpo de Cristo e na glória de Deus

Por sua vez Stott (1986) afirma que os dons espirituais são:

Certas capacidades, concedidas pela graça e o poder de Deus, que habilitam pessoas para serviços específicos e correspondentes. Um dom espiritual é, portanto, não a capacidade em si, nem um ministério ou função propriamente dito, mas a capacidade que qualifica uma pessoa para o ministério (STOTT, 1986, p. 65).

Há pelo menos três termos diferentes usados pelos escritores bíblicos quando estes se referiam a um dom: *charisma* que significa dom da graça de Deus; *diakonia* que se refere às maneiras de servir e *energema* que são energias, poderes e atividades que Deus inspira em todos.

Deve-se ressaltar, porém, que a mesma palavra grega *charisma* é usada tanto para se referir a experiência da conversão como também para as diferentes capacitações que o cristão recebe do Espírito Santo. Para se obter a definição correta, deve-se observar o contexto que acompanha o termo. O termo *charisma* traz consigo a seguinte ideia de um dom gratuito e imerecido, alguma coisa dada ao homem sem trabalho nem merecimento, algo que vem da graça de Deus e que nunca poderia ter sido realizado, galgado ou possuído pelo esforço do próprio homem (BARCLAY, 2000, p. 39-41).

1.2 Os mordomos dos Dons

O Novo Testamento ensina que cada cristão tem pelo menos um dom ou capacitação para o serviço. Nesta simples afirmação pode-se perceber quantos dons estão inativos, sem serem usados nas igrejas. Mas o fato de não serem usados não indica que a pessoa não os recebeu. Há pelo menos duas evidências provando que cada cristão recebeu pelo menos um dom. A primeira está na própria afirmação da Bíblia quando ela trata sobre os dons: “Digo a *cada um* dentre vós que ... pense de si mesmo ... com moderação, segundo a medida da fé que Deus repartiu a cada um ... tendo, porém, diferentes dons” (Rm 12.3,6); “Servi uns aos outros, *cada um* conforme o dom que recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus” (1Pe 4.10).

A segunda evidência está na metáfora do corpo. Paulo, nas três vezes em que ele fala sobre os dons espirituais, usa a metáfora do corpo. Nesta metáfora a igreja é vista como um corpo, constituído por diversas partes, tendo cada uma a sua função. Os membros das igrejas são estas partes do corpo. Como não há no corpo parte alguma sem função, assim também não deveria haver na igreja membro algum sem dom. E realmente não há! Deus capacitou “cada igreja local com todos os dons que ela precisa para sua vida, sua saúde, seu crescimento e seu trabalho” (STOTT, 1986, p. 76-78). Mas o que lamentavelmente acontece é que há poucas pessoas fazendo uso de seus dons. Desta forma, a igreja mais se parece com um ônibus (o motorista é o pastor que conduz tudo; já os membros apenas sentam, olham a paisagem e reclamam das falhas do motorista) do que com um corpo (STOTT, 1986, p. 76-78).

Deve-se destacar o fato de que os dons são dados para as pessoas, e não para as máquinas, instrumentos e organizações. Os cristãos são os receptores, e estes por sua vez os usam para o benefício das organizações. O cristão que recebe o dom não necessita de pré-requisitos para o mesmo. Basta ser cristão. Muitos atribuem os dons à maturidade espiritual, mas isso não pode ser comprovado biblicamente, pois os cristãos de Corinto tinham uma abundância de dons espirituais, mas ao mesmo tempo precisavam ser advertidos por Paulo para deixarem de ser imaturos (1Co. 1.7; 3.1) (ROBINSON, 2000, p. 51-52).

É dever da igreja procurar constantemente pessoas que estejam conscientemente negligenciando os dons que Deus lhes deu, incentivando-os a colocá-los em prática. Para isso a igreja precisa dar oportunidades para que as demais pessoas venham a desempenhar seus dons, e desta forma não serem sempre os mesmos que fazem tudo (STOTT, 1986, p. 78).

1.3 Os propósitos dos Dons

Acima de tudo, pode-se afirmar que os dons são dados para serem usados. Assim como todos os membros do corpo realizam a sua função, também todos os membros devem usar seus dons para cumprirem com o seu papel. Muitas pessoas têm uma visão errada dos propósitos dos dons. Achem que eles servem para seu próprio deleite. Outros pensam que seu propósito principal é adorar a Deus, diante disso acham que o seu uso fica restrito aos momentos de culto. Mas a Palavra de Deus é clara ao afirmar que o propósito dos dons é a edificação da igreja, tanto é que os dons inúmeras vezes são chamados de “dons de serviço”. Além de edificar a igreja (Ef 4.11-13), os dons também têm como propósito servir uns aos outros (1Pe 4.10) e glorificar a Deus (1Pe 4.11).

A palavra edificação significa literalmente construir – cidades, casas, sinagogas. Ela é aplicada figuradamente à igreja com o sentido de “fortalecer, estabelecer, fazer crescer em número e maturidade” (STOTT, 1986, p. 81-86). Em outras palavras, pode-se dizer que Deus deu certo serviço a cada cristão, e lhe concedeu dons sobrenaturais que o capacitem a realizar esta tarefa. Ressalta-se ainda que, se o ser humano recebeu uma tarefa e todas as condições para executá-la, ele terá que prestar contas pelo que fez ou realizou. A Bíblia ensina que um dia todos estarão diante do trono e terão que prestar contas daquilo que fizeram, da forma como utilizaram seus dons (2Co 5.10).

Como o principal propósito dos dons é a edificação, pode-se concluir que eles jamais irão dividir o Corpo de Cristo que é a igreja, mas, pelo contrário, os dons devem sempre unir a igreja de Jesus Cristo (GRAHAM, 2000, p. 132).

Em momento algum é dado ao portador do dom o direito de usá-lo quando ou como achar melhor. Os dons sempre devem ser usados conforme a direção de Jesus Cristo que é a cabeça de toda a igreja. Além de edificar a igreja, os dons ainda têm outras finalidades que se entrelaçam: servem para o aperfeiçoamento dos crentes; servem como capacitadores dos ministérios da igreja; ajudam para que cada crente possa se sentir ativo dentro da igreja; ajudam na obra de evangelização que cabe à igreja executar (BERGSTÉN, 1999, p. 122-124).

O autor Robinson enfatiza o fato de que:

Temos que usar nossos dons espirituais particulares para exaltar o Salvador, edificar o corpo de Cristo, aperfeiçoar o povo de Deus e evangelizar os não crentes. Como crentes individuais, devemos entender que nossos dons não são para o nosso auto-engrandecimento, nem para obtenção de posição, nem para obtermos lucros. Os dons pertencem ao corpo. Devemos dedicar os nossos dons ao corpo de Cristo e usá-los dentro do corpo (ROBINSON, 2000, p. 53).

Enfatiza-se neste ponto ainda o fato de que todos os dons devem ser exercidos em amor para que produzam o resultado desejado. Sem o amor, todos os dons perdem totalmente o seu valor. Esta afirmação não tem como objetivo levar o ser humano a escolher entre os dons e o amor, mas, sim, enfatizar que as duas coisas andam juntas (STOTT, 1986, p. 85-86).

1.4 Diversidade dos Dons

Muitos cristãos têm limitado ao máximo a lista de dons, afirmando existir apenas três: línguas, profecias e curas (STOTT, 1986, p. 65). Basta apenas observar as listas mais importantes sobre os dons do Novo Testamento (Romanos 12; 1Coríntios 12; Efésios 4) para se chegar a uma conclusão diferente. Elas apresentam grandes diferenças entre si (SCHWARZ, 2003, p. 50).

Na primeira lista, registrada no começo de 1 Coríntios aparecem nove dons. Também é verdade que a segunda lista, no fim do mesmo capítulo, abrange nove dons, mas somente cinco destes coincidem com a primeira lista. De forma que, mesmo em 1 Coríntios, são pelo menos 13 dons. Depois há uma lista de sete dons em Romanos 12 (dos quais cinco não ocorrem em nenhuma lista de 1 Coríntios 12) e outra lista, de cinco dons, em Efésios 4 (dos quais dois são novos) (STOTT, 1986, p. 65).

Avaliando-se estas diferenças pode-se concluir que nenhuma destas listas pretende ser a lista completa dos dons que Deus deu à Sua igreja. Além disso, esta diferença comprova que Deus reveste cada igreja com os dons que ela precisa para executar perfeitamente a obra que Deus atribuiu a elas (SCHWARZ, 2003, p. 50).

Em todo o Novo Testamento, pode-se encontrar referência a cerca de vinte ou mais dons (STOTT, 1986, p. 66). O autor Robinson, em sua obra, descreve dezenove destes dons encontrados no Novo Testamento, organizando-os em três categorias: *Dons de Sinais* – milagres, curas, línguas e interpretação de línguas – *Dons de Apoio* – apóstolos, profetas, evangelistas, pastores, mestres, fé, discernimento, sabedoria e conhecimento – *Dons de Serviço* – ministério/serviço/socorros, exortação, administração/liderança, misericórdia, contribuição e hospitalidade (ROBINSON, 2000, p. 82).

É importante lembrar o fato de que “Deus é um Deus de uma diversidade rica e colorida” (STOTT, 1986, p. 66). A tendência do ser humano sempre é limitar esta diversidade que faz parte da natureza de Deus. A criação mostra que nada do que foi criado pode ser considerado uma cópia exata. Deus ama a diversidade.

Pedro expressa isso ao falar da “multiforme graça de Deus” (1Pe 4.10). A palavra multiforme “era usada para se referir a mármore, tecidos bordados e tapetes orientais. A graça de Deus é como uma tapeçaria detalhada, e a rica diversidade dos dons espirituais é como os diversos fios de muitas cores que são entrelaçados para formar a beleza do conjunto” (STOTT, 1986, p. 66).

O fato de serem especificados apenas vinte dons no Novo Testamento não indica que não possam existir mais. Deus, que ama a diversidade, pode muito bem conceder inúmeros outros dons à Sua igreja (STOTT, 1986, p. 66). A ênfase não deve recair sobre o tipo de dom que a pessoa recebeu, mas sim, no fato de ela realmente usar o que recebeu de Deus na obra do Senhor (SCHWARZ, 2003, p. 50).

Neste estudo rápido sobre os dons espirituais fica evidente a necessidade do cristão, descobrir e usar os seus dons. Esperar amadurecer para fazer uso dos mesmos não é uma ideia bíblica e nem mesmo é algo possível, uma vez que a maioria dos dons é descoberta no serviço.

2 – COMPREENDENDO O USO DOS DONS COMO “CHAVE” PARA O AMADURECIMENTO ESPIRITUAL

2.1 Texto bíblico norteador do princípio

Foi ele quem “deu dons às pessoas”. Ele escolheu alguns para serem apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e ainda outros para pastores e mestres da Igreja. Ele fez isso para preparar o povo de Deus para o serviço cristão, a fim de construir o corpo de Cristo. Desse modo todos nós chegaremos a ser um na nossa fé e no nosso conhecimento do Filho de Deus. E assim seremos pessoas maduras e alcançaremos a altura espiritual de Cristo. Então não seremos mais como crianças, arrastados pelas ondas e empurrados por qualquer vento de ensinamentos de pessoas falsas. Essas pessoas inventam mentiras e, por meio delas, levam outros para caminhos errados. Pelo contrário, falando a verdade com espírito de amor, crescemos em tudo até alcançarmos a altura espiritual de Cristo, que é a cabeça. É ele quem faz com que o corpo todo fique bem ajustado e todas as partes fiquem ligadas entre si por meio da união de todas elas. E, assim, cada parte funciona bem, e o corpo todo cresce e se desenvolve por meio do amor (Efésios 4.11-16).

2.2. Compreensão do texto e das suas dimensões

A partir do verso 12, depois de relatar alguns dons espirituais - que não refletem uma ideia de listagem completa, mas apenas a menção de alguns dons (HENDRIKSEN, 1992, p. 242) – o apóstolo Paulo esboça três frases que descrevem o propósito dos mesmos. “A diferença de preposições em grego indica que elas não podem estar separadas, pois a segunda frase é dependente da primeira, e a terceira é dependente das duas que a precedem” (FOULKES, 1983, p. 99). As três frases refletem um duplo propósito no uso dos dons ministeriais: o aperfeiçoamento dos santos para a obra do ministério e para a edificação do Corpo de Cristo. Seria trágico dividir a expressão em três propósitos, pois assim daria a entender que somente alguns poucos e não todos os crentes são chamados a realizar o trabalho do ministério (STOTT, 2001, p. 120).

No versículo 13, a expressão *até que todos cheguemos*, indica um caminho objetivo, vendo o alvo a ser alcançado. A palavra “até” mostra um processo em realização, ou seja, alguma coisa que já começou e não pode parar (CABRAL, 1999, p. 54). O verbo empregado no princípio do versículo é usado nove vezes em Atos com referência a viajantes que chegam a seu destino. O destino é claramente descrito: *a unidade da fé, o conhecimento pleno do Filho de Deus e a maturidade da altura espiritual de Cristo*. (FOULKES, 1983, p. 100)

A expressão “até que todos cheguemos” merece destaque. Ela aponta um alvo e aciona a gloriosa esperança de se alcançar esse alvo. Através da edificação e do desenvolvimento mútuo, o clímax espiritual desejado é possível. O aperfeiçoamento total é coletivo, não uma questão individual. Cada crente, individualmente, deve procurar o seu aperfeiçoamento espiritual, mas nenhuma pessoa, por si só, alcançará esse “aperfeiçoamento”. O meu aperfeiçoamento espiritual no corpo de Cristo se dará à medida que “todos” são aperfeiçoados coletivamente. A igreja é um todo, e os crentes participam desse “todo” (CABRAL, 1999, p. 55).

Uma análise de cada ponto deste destino ajuda na compreensão dos efeitos do uso dos dons espirituais. *A unidade da fé* é o primeiro destino (v. 13). Ela aponta para a “atitude de confiança que une todos ao Senhor, o mesmo caminho de acesso a Ele e aos recursos para viver nEle” (FOULKES, 1983, p. 94). Não é uma expressão que denota uma lista de dogmas a serem seguidos, uma vez que no Novo Testamento a expressão fé aponta diretamente para a Obra de Cristo.

Quando a fé... é corretamente participada, pessoas com diferentes origens de erro e ignorância chegam a uma compreensão crescente da única “esperança”, a uma dependência também crescente do único “Senhor”, e, assim sendo, a uma apreciação progressiva do único “corpo”. O alvo, portanto, deve ser a unidade na fé (FOULKES, 1983, p. 100).

O exercício dos dons contribui primeiramente no desenvolvimento da própria salvação. Cristãos envolvidos no trabalho têm cada vez mais clareza do que Cristo fez por eles e conseqüentemente crescem na fé que os salvou e que ainda os está salvando. A diferença da valorização da Obra de Cristo por muitos cristãos e a diferente compreensão das suas dimensões é consequência do não uso dos dons.

O *conhecimento do Filho de Deus* é o segundo destino apontado (v. 13). A palavra *conhecimento* aparece antecipada por outra no original grego, que é a palavra *pleno*. Portanto, o *pleno conhecimento* abrange todas as áreas da vida do cristão. Três esferas podem ser destacadas: as áreas intelectual, experimental e espiritual. Na esfera intelectual, obtém-se esse conhecimento através do estudo e da meditação. Na experimental, esse conhecimento diz respeito à comunhão com o Filho de Deus: só Ele pode conceder ao homem essa experiência. Na espiritual, esse conhecimento tem a ação do Espírito Santo no trabalho de iluminar o entendimento (Ef 1. 18,19).

“Jamais conheceremos uma pessoa apenas com a mente; e o conhecimento de uma tal Pessoa deve envolver a mais profunda comunhão,” (FOULKES, 1983, p. 101) principalmente quando a Pessoa em questão é o Filho de Deus, como o texto destaca. Esta expressão não é comum nos escritos paulinos, mas toda vez que o apóstolo Paulo descreve Cristo como o objeto da fé dos cristãos, ele o faz com este título: Filho de Deus (FOULKES, 1983, p. 101).

O uso dos dons leva o cristão a uma maior intimidade com Deus e conseqüentemente um maior conhecimento dEle. Este efeito não é resultado apenas de revelação especial mediante a ação do Espírito Santo, mas também um processo natural naquele que se envolve no que Deus está fazendo e quer fazer. Um cristão em pleno exercício dos dons e com a mentalidade correta de como estes dons devem ser usados (com o máximo da capacidade concedida ao ser humano), se sentirá na obrigação de buscar mais a presença do Senhor, orando, lendo a Palavra de Deus e meditando nela. Estes fatores contribuem para o desenvolvimento, porém só se tornam efetivos quando a necessidade dos mesmos é evocada. O uso dos dons tem esta atribuição, de mostrar a necessidade de ter mais contato com Deus.

É interessante destacar que a unidade não pode crescer sem a fé ou sem o conhecimento cristão. “Pelo contrário, é exatamente na medida em que conhecemos o Filho de Deus e confiamos nele que crescemos no tipo de unidade uns com os outros como ele deseja” (STOTT, 2001, p. 123).

A *maturidade da altura espiritual de Cristo* possui a conotação de desenvolvimento ao estado adulto. O singular da expressão evoca novamente a ideia de unidade. A expressão contrasta com a expressão que segue e que diz:

Para que não sejamos mais meninos inconstantes (v. 14). No original grego, a palavra “meninos” aparece como *nepioi*, que significa infantes ou criancinhas que ainda não falam. Dá a ideia de crentes-meninos, isto é, imaturos e inseguros. A expressão “meninos inconstantes” contrasta com esta outra — “varão perfeito” (v. 13) (CABRAL, 1999, p. 55).

Os meninos inconstantes do texto são aqueles crentes facilmente agitados por circunstâncias, sujeitos a mudanças provocadas por “ventos” de doutrinas falsas. São aqueles que naufragam nas dúvidas espirituais e se deixam levar pelo desânimo, que lhes causa o abandono da fé recebida. Paulo usa expressões náuticas para ilustrar aqueles que se “agitam” e são “levados” por heresias e crenças absurdas (STOTT, 2001, p. 123). São os que facilmente vacilam na fé quando surge qualquer “vento” de doutrina. A continuação do versículo mostra a causa que leva esses “meninos inconstantes” na fé a vacilarem. Os que trazem esses “ventos” são homens que, com astúcia, enganam fraudulentamente. A expressão “engano dos homens” tem um sentido mais claro para entendermos o ensino de Paulo. A palavra “engano” pode ser trocada por “estratagema”, que significa originalmente “jogo de dados”. Entende-se, então, a mesma palavra “estratagema” por truque (HENDRIKSEN, 1992, p. 252). Assim como os jogadores usam de truques (engano) no jogo de dados, assim, também, homens perniciosos a serviço de Satanás usam de formas maliciosas para enganar os mais fracos na fé, com ensinamentos errados que ferem frontalmente a Palavra de Deus. Para que o crente cresça na fé, até a perfeita varonilidade de Cristo, é preciso conhecer a Cristo (CABRAL, 1999, p. 56).

“Antes, seguindo a verdade em amor” (v. 15). De fato, o amor é a base da verdade a ser seguida (1Co 13) (CABRAL, 1999, p. 56). No grego, o vocábulo *altheuo* dá a ideia de seguir ou dizer a verdade, mas significa um sentido mais estrito da expressão “ser verdadeiro” (STOTT, 2001, p. 124). Parece que entre “seguir a verdade” e “ser verdadeiro”, a última expressão é mais envolvente e responsiva. “Deixar o erro” é abandonar o erro para “ser verdadeiro” (CABRAL, 1999, p. 56). Há um conceito falso de justiça no que diz respeito a “ser verdadeiro”. Existem os que se esforçam para ser verdadeiros sem amor, o que torna impossível o exercício da verdade, pois ela é nivelada pelo amor. “A verdade se torna ríspida se não for equilibrada pelo amor; o amor torna-se frouxidão se não for fortalecido pela verdade (STOTT, 2001, p. 124).

A continuação do verso 15 diz: “cresçamos em tudo naquele que é a cabeça”. A maturidade espiritual resulta de um crescimento que é notado pelas atitudes adultas e firmes, indicando que o “estado de infância” já passou. A expressão “cresçamos em tudo” diz respeito ao desenvolvimento da fé (crença) nas atitudes, não mais infantis, mas atitudes maduras, com os pés firmes no chão, ao invés de levianas. É um desenvolvimento

“em tudo”, isto é, nas relações sociais, com Deus e com nós mesmos. É um crescimento espiritual em que a cabeça, que é Cristo, comanda a vida do crente (CABRAL, 1999, p. 56).

O v. 16 fala sobre o ajustamento do corpo: “... do qual todo o corpo, bem ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, faz o aumento do corpo, para sua edificação em amor”. Paulo se vale aqui de um argumento orgânico, fisiológico. Todo o princípio está ligado à expressão *cabeça* do verso anterior e que rege tudo o que o corpo faz (HENDRIKSEN, 1992, p. 253).

Um crescimento desequilibrado prejudica o funcionamento normal do corpo. Por isso “todo o corpo”, isto é, o corpo inteiro, cresce e se desenvolve por meios naturais e normais, a fim de que “cada parte” funcione em perfeita cooperação com as demais. É maravilhosa a perfeição da unidade dos membros do corpo. Nenhuma parte ou membro funciona independentemente. Ainda que tenha sua distinção e função no corpo, trabalha em cooperação para a unidade; unidade essa comandada pela cabeça. O corpo inteiro depende do Senhor do corpo. O crescimento e movimento do corpo está na obediência à cabeça. A provisão desse corpo depende do Senhor dele. A finalidade do crescimento do corpo de Cristo (a Igreja) significa o crescimento de cada parte do corpo numa justa cooperação. Nenhum membro do corpo se individualiza nem se isola dos demais membros, nem busca um crescimento próprio, mas busca o crescimento de todo o corpo. O corpo é um, por isso o crescimento espiritual do crente deve visar o crescimento de todos os demais irmãos em Cristo. Trata-se de um crescimento “em amor”, visto que o amor procura a edificação de todo o corpo. Não se trata de um crescimento numérico, mas espiritual. O amor é “o vínculo da perfeição” (Cl 3.14). O amor propicia a cooperação mútua e abomina o egoísmo. Essa cooperação envolve o mesmo ideal — obediência à cabeça, Cristo. Esse amor é mais que um amor com sentido filosófico: é um amor real e busca a unidade do Espírito (Ef 4.3) (CABRAL, 1999, p. 56-57).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como os dons são qualidades distribuídas por Deus a todos os que creem, e para tê-los basta crer, é lógico argumentar que também basta crer para usá-los. Sendo de Deus, devem ser usados como Deus deseja e para os propósitos por Ele firmados em Sua Palavra, que destacam a abrangência e benefício estendido à igreja e, como fator secundário, estendido também àquele que faz uso dos mesmos, não tanto pelo efeito dos dons, mas em decorrência do uso dos mesmos.

Estes argumentos expressos acima já seriam suficientes para se enfatizar que a maturidade cristã está ligada ao uso dos dons, mas o apóstolo Paulo em seu texto no livro de Efésios 4.11-16, deixa claro que a maturidade e unidade dos cristãos está ligada ao uso dos dons. A compreensão de Cristo e de sua Obra, a intimidade com Deus e o conhecimento dEle são frutos de um cristianismo dedicado ao exercício dos dons espirituais.

Não deveria a igreja da atualidade impor limites para o envolvimento de cristãos no trabalho que realiza, a não ser a fé em Jesus Cristo. Quando a igreja impõe limites à participação dos crentes, impõe limites ao desenvolvimento espiritual e não obstante experimenta também os efeitos devastadores desta infantilidade, de forma parecida com os efeitos que a igreja de Corinto experimentou.

Fala-se muito de maturidade na atualidade, ao mesmo tempo faz-se de tudo para que ela não se torne uma realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARCLAY, William. *Palavras-chave do Novo Testamento*. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- BERGSTÉN, Eurico. *Introdução à Teologia Sistemática*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.
- CABRAL, Elienai. *Comentário bíblico: Efésios*. 3.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.
- FOULKES, Francis. *Efésios: introdução e comentário*. Trad. Marcio Loureiro Redondo. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1983.
- GRAHAM, Billy. *O poder do Espírito Santo*. Trad. Hans Udo Fuchs. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento: Efésios*. Trad. Valter Graciano Martins. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992.
- KORNFIELD, David. *Desenvolvendo dons espirituais e equipes de ministério*. 2.ed. São Paulo: Sepal, 1998.
- ROBINSON, Darrell W. *Igreja celeiro de dons*. Trad. Maysa Monte. Rio de Janeiro: JUERP, 2000.
- SCHWARZ, Christian A. *As três cores dos seus dons*. Trad. Fred Roland Borschtein, Valdemar Kroker. Curitiba: Esperança, 2003.
- SEVERA, Zacarias de Aguiar. *Manual de teologia sistemática*. Curitiba: A.D. Santos, 1999.
- SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *Bíblia de estudo NTLH*. São Paulo: SBB, 2000.
- STOTT, John R. W. *Batismo e plenitude do Espírito Santo*. Trad. Hans Udo Fuchs. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1986.
- STOTT, John. *A mensagem de Efésios: a nova sociedade de Deus*. 6.ed. Trad. Gordon Chown. São Paulo: ABU, 2001.
- WILKERSON, David. *O que todo cristão deveria saber sobre crescimento espiritual*. Texas: World Challenge, 1999.

¹ O autor é formado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. Tem uma especialização na área de Liderança e Gestão de Pessoas pela Faculdade Teológica Batista do Paraná e um mestrado livre na área de Missão Integral da Igreja pelo Seminário Teológico Batista Independente. É mestrando em Teologia Pastoral pela Faculdade Teológica Batista do Paraná. Trabalha como Pastor na Igreja Batista Emanuel e como auxiliar de coordenação acadêmica na Faculdade Batista Pioneira.

² REGENERAÇÃO é o ato de Deus pelo qual Ele muda a disposição moral da alma do indivíduo, na união com Cristo, tornando-o moral e espiritualmente semelhante a Cristo. Esta ação recebe outros sinônimos: novo nascimento (Jo 3.3); vivificação (Ef 2.1,5); nova criação (Ef 2.10).

³ Bíblia de estudo NTLH. As próximas referências seguem esta versão.